



DISCURSO NEOLIBERAL, DIREITO E O FENÔMENO DA UBERIZAÇÃO: ANÁLISE A PARTIR DE RELATOS DE TRABALHADORAS

Martin Ramalho de Freitas Leão Rego¹

Introdução

O fenômeno da uberização representa um ponto de inflexão nas relações de trabalho no capitalismo contemporâneo, caracterizando-se pela conversão de vínculos laborais em conexões aparentemente diretas mediadas por plataformas digitais. Sob o discurso da flexibilidade, autonomia e empreendedorismo, esse modelo promove uma profunda reestruturação produtiva que, ao transferir integralmente os riscos e custos para o trabalhador, resulta na precarização estrutural do trabalho e da vida.

Este artigo tem como objetivo analisar a dimensão discursiva e ideológica desse processo, partindo do pressuposto de que a linguagem não apenas descreve, mas constitui ativamente as relações sociais de exploração. Por meio de uma análise materialista do discurso, inspirada em Pêcheux e Orlandi, examinaremos um corpus específico: relatos de motoristas divulgados no site oficial da Uber como "histórias inspiradoras". A proposta é desmontar as operações ideológicas que transformam a experiência concreta da precariedade em uma narrativa triunfal de empoderamento, gratidão e realização pessoal, evidenciando como o discurso empresarial atua para naturalizar a exploração e silenciar os conflitos de classe.

Condições de produção do discurso neoliberal: aspectos materiais da uberização

A Uberização produziu um impacto social intenso, especialmente pelo modo como afeta os direitos do trabalhador. Conforme Lopes (2022, p. 72), seu fortalecimento ocorreu, em grande medida, a partir da reforma trabalhista com advento da Lei 13.467/2017, fenômeno que materializa tendências globais de reorganização do mercado, ao buscar transformar o trabalhador em microempreendedor e fazê-lo atuar como autônomo, sem vínculo empregatício, sem qualquer direito ou garantia. Esse modelo, especialmente voltado para entregas ou transporte por aplicativo, ganhou grande impulso nos últimos anos, gerando um aumento explosivo de trabalhadores mediados por plataformas digitais.

A compreensão do processo de uberização demanda uma contextualização histórica que remonta, particularmente, à crise financeira de 2008. No escólio de Rocha (2024, p. 123), esse evento, fruto do acúmulo de políticas de desregulamentação, liberalização e flexibilização financeira das décadas anteriores, criou um ambiente propício à intensificação do domínio do capital sobre o trabalho. Tal conjuntura não promoveu apenas a deterioração significativa das condições e das relações laborais, mas também ampliou a

¹ Doutorando em Linguística e Literatura, Mestre em Direito Público e Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Licenciado em Letras - Língua Portuguesa pelo Centro Universitário ETEP. Técnico Judiciário da Justiça Federal em Alagoas (JFAL). E-mail: martinramalho1@gmail.com.



vulnerabilidade da existência, solidificando um modo de vida pautado pela instabilidade, incerteza e pelo medo perante o presente e o futuro.

Nesse sentido, essa "flexibilização" proposta pela uberização tem indicado o "enfraquecimento das instituições em relação ao trabalho, e força no discurso de um ciclo de austeridade, com promessas de restabelecer confiança do mercado e a retomada da economia e do emprego" (Lopes, 2022, p. 72), algo que se associa principalmente ao âmbito das reformas trabalhistas e previdenciárias. Os trabalhadores das plataformas frequentemente colocam sua integridade física e mental em risco, submetendo-se a longas jornadas em um regime de "auto exploração voluntária". Essa realidade suscita a questão central: a uberização oferece liberdade ou precarização das relações de trabalho?

Por uma linha mais crítica, consoante defende Barros (2022, p. 438), os modelos de trabalho baseados em plataformas digitais, ao sistematizarem e aproveitarem as condições de vida precárias das populações vulneráveis no Brasil, reelaboram e atualizam uma matriz histórica de exploração de origem colonial e escravista, integrando-a ao seu funcionamento e, ao mesmo tempo, revitalizando seus mecanismos. A resistência desses trabalhadores, na luta para não ser escravo, constitui uma rejeição à alienação completa e à marginalização social, configurando-se como um ato de fuga e afirmação de si. Tal postura representa uma forma de ação política que antecede e questiona o ordenamento jurídico, desestabilizando a estrutura vigente e criando um cenário que pode levar tanto à repressão estatal quanto à possibilidade de reconstrução da comunidade. Tanto os conflitos gerados por esse modelo quanto as subjetividades que emergem em seu entorno, formadas no interior dessas formas de vida, são elementos fundamentais e inevitáveis para qualquer projeto que vise a construção de uma nova hegemonia social.

A análise revela que essas relações contemporâneas criam "falsas evidências de empreendedorismo" (Lopes, 2022, p. 72), vendendo uma ideia de autonomia e liberdade de horários que, na prática, mascara uma dinâmica de exploração. As plataformas operam transferindo a responsabilidade diretamente para o trabalhador, que passa a ser o único gestor do próprio trabalho e dos riscos envolvidos, eliminando qualquer equilíbrio entre as partes. A referida pesquisadora confirmou a existência desse cenário por entrevistas com entregadores, que vivenciam sua condição "despojados de direitos", demonstrando que a retórica da liberdade encobre a precarização estrutural do trabalho.

A influência das plataformas digitais tem sido tão transformadora que deu nome a um novo padrão de relações laborais, genericamente chamado de "uberização" do trabalho, como adotado desde o início do trabalho. Este fenômeno caracteriza-se, como explana Rocha (2024, p. 123-124), pela conversão do vínculo tradicional em conexões aparentemente diretas (*peer-to-peer*), mas que na realidade se estruturam sobre pilares como a "flexibilização", a "informalidade", a "ausência de direitos" e, em última instância, a "precarização do trabalho e da vida".



Análise do *corpus*: relatos de trabalhadoras no site oficial da Uber

Feitos esses apontamentos sobre o fenômeno da uberização, seus efeitos no discurso serão analisados a partir de relatos publicados no sítio eletrônico oficial da empresa Uber a título de “histórias inspiradoras de motoristas parceiras”, com a seguinte chamada: “relembramos histórias de mulheres que mudaram suas vidas ao se tornarem motoristas parceiras, inspirando milhares de passageiros com suas histórias de superação e seu profissionalismo” (Uber, 2019). O referido *corpus* será organizado a partir de Sequências Discursivas (SDs) numeradas no presente trabalho. Os nomes das trabalhadoras que aparecem abaixo dos relatos foram omitidos neste texto.

Com efeito, registra-se (Uber, 2019):

SD1: Diretamente de Curitiba “A Uber me salvou. Adoro esse contato com as pessoas. As diferentes histórias de vida de cada uma delas. Uso todas como um exemplo de vida. Me dedico muito ao meu trabalho, e sou recompensada dia a dia com as estrelinhas que coleciono”.

SD2: Uma paulista incrível “Entrei na Uber para complementar minha renda e principalmente para ser dona do meu tempo. Sou podóloga e estudante de engenharia civil, além de mãe, esposa e dona da casa. A Uber hoje é uma escada que subo a cada dia para chegar onde desejo. Desejo que haja mais mulheres ao volante porque é incrível como as passageiras ficam felizes em sua motorista ser mulher”.

SD3: Uma mulher de muita coragem, força e determinação “Sou muito grata a Uber por proporcionar esse aplicativo maravilhoso para nós. A Uber me ajudou muito tanto financeiramente como me ajudou a ser uma mulher com mais coragem, força e determinação. Só tenho a agradecer: conheci a Uber que mudou minha vida!”

SD4: Uma parceira guerreira “Tenho 59 anos e estou dirigindo na Uber há 2 anos. Procurei emprego por 1 ano e, sem nenhuma perspectiva, resolvi enfrentar esse desafio apesar de encontrar alguma resistência dos familiares. Estou muito feliz e realizada pois consigo fazer de cada viagem um momento especial e diferenciado como meus passageiros já comentaram. Hoje sou uma motorista respeitada e muito feliz”.

SD5: Reconstruindo a própria história “A Uber me trouxe de volta pra vida. Eu estava no fundo do poço, e hoje depois de 9 meses estou reconstruindo minha história! Obrigada pela parceria”.

Como se observa, as materialidades discursivas acima constituem um *corpus* paradigmático para a análise das operações ideológicas que atuam na produção de sentidos e na constituição de subjetividades no âmbito da chamada “economia de plataforma” ou simplesmente uberização. A partir das categorias da Análise do Discurso de orientação materialista (AD), desenvolvida por Michel Pêcheux (1997, 2006) e Eni Orlandi (2020), é possível desmontar o funcionamento discursivo que transforma uma relação de trabalho precarizada em uma narrativa de empoderamento, liberdade e realização pessoal.

Os relatos não são enunciados espontâneos ou neutros; eles são materialmente situados no espaço institucional da empresa (o site da Uber). Isso significa que estão inseridos em um interdiscurso específico: o discurso empresarial de marketing, relações públicas e gestão de imagem. Esse interdiscurso fornece o pré-



construído – o já-dito, a memória discursiva – que estrutura as falas. Os temas da "salvação", "realização", "coragem" e "reconstrução" (presentes em SD1, SD3, SD4, SD5) não surgem ao acaso; são respostas a um chamado interpelativo da plataforma, que se posiciona não como empregadora, mas como "facilitadora" ou "parceira" (SD5) que oferece uma "oportunidade". A plataforma se apresenta como o sujeito que possibilita, e o trabalhador, como o sujeito que realiza, num movimento que apaga a relação de exploração e a substitui por uma narrativa de aliança e gratidão ("Só tenho a agradecer", SD3).

A AD examina como os sujeitos são designados e como se designam no discurso. Aqui, observa-se uma recusa explícita à designação "empregado" e uma adesão total à designação "parceiro(a)", "guerreiro(a)", "motorista realizada". O sujeito do discurso é construído como: i) autônomo e dono do próprio tempo: a SD2 enfatiza "ser dona do meu tempo", um significante que contrasta com a disciplina da fábrica ou do escritório, produzindo a evidência de liberdade; ii) Empreendedor de si: a fala "a Uber hoje é uma escada que subo a cada dia para chegar onde desejo" (SD2) é exemplar, ela materializa a ideologia neoliberal do indivíduo como empresa de si mesmo, onde o trabalho precário é ressignificado como degrau em um projeto pessoal de ascensão; iii) realizado e reconhecido: a "recompensa" não é salarial ou de direitos, mas afetiva e simbólica: "estrelinhas que coleciono" (SD1), passageiros felizes (SD2), ser "respeitada" (SD4), o trabalho é descrito em termos de realização pessoal e social, deslocando o foco da remuneração para o reconhecimento; iv) grato e salvo: expressões como "me salvou" (SD1), "mudou minha vida" (SD3), "me trouxe de volta pra vida" (SD5) operam um potente efeito de sentido de redenção, a plataforma ocupa o lugar de um sujeito benfeitor, apagando as condições de desemprego, desespero ou falta de perspectiva ("no fundo do poço", SD5; "sem nenhuma perspectiva", SD4) que levaram o indivíduo a ela.

A causa da necessidade (a crise do mercado de trabalho) é silenciada, e a plataforma emerge como a solução heroica, ressaltando-se que "o silêncio não é o vazio, ou o sem-sentido; ao contrário, ele é o indício de uma instância significativa" (Orlandi, 2007, p. 68).

O discurso produzido opera pela construção de uma evidência: a de que se trata de uma escolha livre e positiva. A fala é organizada para fazer esquecer a determinação material – a falta de emprego formal (SD4), a necessidade de complementar a renda (SD2) – que é a condição real de possibilidade para essa "escolha". O silêncio sobre aspectos como a ausência de direitos trabalhistas, a instabilidade da remuneração, o desgaste físico e mental, os algoritmos controladores e os riscos assumidos é fundamental. Esse silêncio não é um vazio, mas uma instância significativa ativa (Orlandi, 2007): é a condição para que o sentido positivo e emancipatório possa se estabilizar. A "flexibilidade" é lida apenas como autonomia, nunca como insegurança. A "coragem" (SD3) é para dirigir, não para enfrentar a precariedade.

Em SD2 e SD4, percebe-se uma luta contra uma identificação discursiva negativa prévia. A motorista de 59 anos (SD4) menciona a "resistência dos familiares", e a estudante (SD2) destaca o desejo por "mais mulheres ao volante". Seus relatos funcionam como uma contestação a um possível pré-construído que associa a atividade a um fracasso ou a um lugar social inadequado para mulheres. Elas se reapropriam da



posição-sujeito para afirmar um novo lugar de respeito, felicidade e pioneirismo ("motorista respeitada e muito feliz", SD4), demonstrando como o discurso é um terreno de disputa pela própria imagem.

O discurso corporativo das plataformas digitais opera uma apropriação perversa da pauta feminista ao converter, em sua narrativa publicitária, a histórica luta das mulheres por autonomia, liberdade e inserção no mercado de trabalho em uma justificativa ideológica para a precarização. Termos como "ser dona do meu tempo" (SD2), "mulher com mais coragem" (SD3) e ser "realizada" (SD4), extraídos de relatos de motoristas, são esvaziados de seu potencial emancipatório e ressignificados no interior da lógica da acumulação flexível. A promessa de conciliação entre vida profissional e doméstica — uma demanda legítima do feminismo — é transformada em mecanismo de exploração intensiva, na qual a mulher, agora "microempreendedora", assume sozinha os riscos, a jornada interminável e a ausência de direitos, sob a falsa evidência de empoderamento.

Dessa forma, a plataforma captura o imaginário de libertação feminina para naturalizar a autoexploração, fazendo com que a própria mulher, em nome de uma suposta autonomia, administre e internalize sua precarização, enquanto a empresa se exime de qualquer responsabilidade social e trabalhista. A luta por direitos é, assim, discursivamente convertida em gratidão por uma oportunidade que mascara a perpetuação de desigualdades estruturais.

Assim, formula-se neste gesto de análise uma crítica ao discurso neoliberal e à ideologia do empreendedorismo, notadamente pelo que se pode denominar de "armadilha da identidade" (Ferraz, 2022), compreendendo-se que "o capital depende da sua reprodução e ampliação constante, não exclui ninguém, embora se valha das diferenças nesse processo, assim os grupos marginalizados podem, a partir da lógica individualizante, ser inseridos no mercado apesar do que são" (Ferraz, 2022, p. 258-259). As motoristas são "incluídas" no mercado e celebradas por sua identidade ("mulher guerreira", SD4), mas essa inclusão só se dá na medida em que valorizam o valor para a plataforma, permanecendo em uma posição fundamentalmente desigual e precária.

Considerações finais

A análise empreendida demonstrou, de forma contundente, que o discurso produzido pela Uber e reproduzido por suas "parceiras" não é um mero relato de experiências, mas um dispositivo ideológico central na manutenção do modelo de acumulação por plataforma. As sequências discursivas (SD1 a SD5) revelam um sofisticado funcionamento de interpelação e assujeitamento, no qual a lógica do capital se apresenta sob a roupagem de uma parceria libertadora. A plataforma se constitui discursivamente como o sujeito que "salva", "muda vidas" e "proporciona" oportunidades, enquanto oculta sua função de estruturadora de uma relação de exploração sem mediações institucionais. O silêncio ativo sobre a ausência de direitos, a instabilidade econômica e o controle algorítmico é a condição para a estabilização do sentido positivo que envolve termos como "liberdade", "autonomia" e "realização".



Conclui-se, portanto, que a uberização opera em duas frentes complementares: uma, material, de reorganização produtiva para extrair valor do trabalho de forma hiperflexível; outra, discursiva e ideológica, de produção de sentidos que fazem com que o próprio trabalhador internalize e celebre sua condição precária como um projeto de sucesso individual.

A apropriação das pautas identitárias, especialmente a feminista, é parte crucial desse mecanismo, convertendo demandas legítimas por emancipação em justificativa para a autoexploração. Desse modo, a luta contra a precarização exige, necessariamente, uma luta no plano da linguagem – uma desestabilização crítica dessas evidências fabricadas que dissociam a promessa de reconhecimento da realidade da exploração. O enfrentamento à uberização deve ser, simultaneamente, político-econômico e discursivo, desvelando as contradições que as narrativas de gratidão e empoderamento buscam incessantemente ocultar.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Caetano Patta da Porciuncula e. **Escravos e guerreiros**: trabalho uberizado e políticas da crise no Brasil (2015-2021). Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.
- FERRAZ, Janaynna de Moura. Armadilha da identidade e crítica ao empreendedorismo social: a exploração da opressão. **Revista Katálysis**, v. 25, n. 2, p. 252-261, maio 2022.
- LOPES, Fernanda Villalba. **Uberização**: liberdade ou precarização? Reflexões sobre o futuro do trabalho. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2022.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos 13. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- PÊCHEUX, Michel. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- ROCHA, Fábio Armando. **Uberização e plataformização**: a exploração disfarçada de empreendedorismo. Dissertação (Mestrado em Estudos da Condição Humana) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2024.
- UBER. **Veja mais histórias inspiradoras de motoristas parceiras**. 2019. Disponível em: <https://www.uber.com/pt-BR/blog/mais-historias-inspiradoras-motoristas-parceiras/>. Acesso em: 1 dez. 2025.